

OBRAS DE
JOÃO GUMARÃES ROSA:

SAGARANA — CONTOS (1946)

*
CORPO DE BAILE — *CICLO DE NOVELAS* (1956)

(Desdobra-se, a partir da
3.ª edição, em 3 volumes
autônomos:)

MANUELIÇÃO E MIGUILLIM
NO URUBUQUAQUA, NO PINHEM
NOTES DO SERTÃO

*
GRANDE SERTÃO : VEREDAS — *ROMANCE* (1956)

*
PRIMEIRAS ESTÓRIAS (1962)

*
TUTAMÉIA (*TERCEIRAS ESTÓRIAS*) (1967)

*
ESTAS ESTÓRIAS (no prelo)

(Nota introdutória de
Paulo Rónai)

JOÃO GUMARÃES ROSA

TUTAMÉIA

-TERCEIRAS ESTÓRIAS-

terceira edição

LIVRARIA

JOSÉ OLYMPIO

EDITORA

Rio de Janeiro
1969



PALHAÇO DA BÓCA VERDE

Só o amor em linhas gerais infunde simpatia e sentido à história, sôbre cujo fim vo-gam inexactidões, convido se componham; o amor e seu milhão de significados. Assim, quando primeiro do mesmo se tem diretta notícia, viajava o protagonista, de trem, para Sete-Lagoas. Ele queria conversar com uma mulher. Ano ou meses antes, lembre-se, desfizera-se na região, por óbito de T. N. Ruyconcellos, empresário e dono, o Circo Carré, absorvidos reportavelmente por outro, o Grande Circo Hânσιο-Europeu, dos Mazzagrani, o material e mor parte dos artistas. X. Ruyconcellos, que naquele se afamara como o *elown* Ritripas ou "Dá-o-Galo", parecia deixado então do mister circense. Distinguia-se ainda môço, tão bem vestido quanto comedido, nem alegre nem triste, apenas o oposto; bebia, devagar, sem se inebriar.

Vir a falar com aquela mulher oferecia-se seu problema; viver sem precisar de milagres seria lúgubre maldição. Ela na ocasião sendo mulher pública aliás, mas singular do comum, mesmo no nome de guerra não usar, senão o próprio, civil, mais ou menos espanhol, de Memna Verguedo; e, talvez com receio ou por ira no peito, negava-se à conversação: a respeito de outra — Ona Pomona.

Ruyconcellos não ia durar. — *Tôda hora há momentos nascendo*... — quase se desculpava, inculcava-se firmeza. — *Se bons e maus acabam do coração ou da câncera, concluo em minha as duas causas*... — e coçava-se a raiz do nariz, isto é, o hilo dos óculos. Mesmo nesses assuntos, pedia a máxima seriedade. Método, queria. Macilento, tez palhica, cortada a fala de ofegos, mostrava indifferença ao escárnio, a dos condenados.

Mas buscava tôda cópia de informação, sôbre Ona Pomona, casada e remota no mundo, no México, na Itália. Memna apenas o inteiraria disso, de Ona Pomona tinha

sido a amiga. Uma se fôra com o Circo Europeu, a outra se refugiara em prostíbulo. Ele esperava, insistia, não podia sair da cidade.

Mema desatendia recados. — *Tranquilo esteja!* — re-vêzes caminhava no quarto, rapariga alongada e mate, com artes elásticas, de contornos secos recortados. — *Se quiser, venha — como os outros!*... pelo passatempo, não para indagação em particular. — *Se bem, bem, logo, logo...* Estava ali com extraordinária certeza; dela de alguma maneira contudo se intimidavam os homens, era o seu o ar dos sombrios entre as dobras de uma rosa.

Mentido o modo, proferia: — *Cuguêto!* — por carinho ou desdém. Nada os aproximara, aventura nem namôro. — *Sei, nunca me viu...* palhaços só notassem a multidão, não dividiam picadeiro, camarim, platéia. Sorria contária — tôda em ângulos a superfície do rosto — o nariz afirmativo, o queixo interrogador. O que não dizia era ter, escondida, a mala, que lhe não pertencia; e cujo conteúdo não descobrira a ninguém.

Entrado no trem da paciência, Ruysconcellos lia, relia à-toa jornais, sem saltar palavra ou página. — *Já vi um homem se afundar e desaparecer dentro de pur de sapatos...* — tirou os óculos e se acariolava os olhos com as pontas dos dedos. Tinha de Ona Pomona um retrato, queria entender o avêssio do passado entre ambos, estudadamente, metia-se nessa música, imagem rendada; o que a música diz é a impossibilidade de haver mundo, coisas. — *Mútti...* a lucidez — está-se sempre no caso da tartaruga e Aquiles.

Dobrou com distraído cuidado a foto — onde Mema via-se também — partiu-a, ainda mais minucioso, destruído daí essa outra e errada metade. Maldade nêle no momento acaso surgisse, em seu siso, uma ameaça a Mema. De vez em nada, tragava gole. Do alvaidado Ritripas nem lhe restassem mínimos gestos.

Mema, a ela não deixava de voltar quem vez a pressentisse, como num carrego de pêssego há sobrados venenos, como a um vinagre perfumoso. — *Ele nunca teve graça, o que divertia era seu excesso de lógica...* — tossiu, por nojo. O que êle imaginava, de amor a Ona Pomona, seria no mero engano, influição, veneta. Sob outra forma: não

amava. — *Ele não quer ser êle mesmo...* — Mema entre-disse, em enfôco, frementes ventas — como se da vida alguma verdade só se pudesse apreender através de representada personagem.

Simplez escorrida se estreitava no rosa-chá vestido, o amarelo é difícil e agudo. Sem vagar, fumava, devia de não comer e ter febre. Sua maior escuridão estava nas mãos. Abriu aquela mala — em que retinha o que de "Dá-o-Galo" do Circo Carré: narizes de papelão postiços ou reviradas pontas de cêra, tintas para a cara, sapatanchas, careca-acrescente, amplas bufonas coloridas.

Vindo de São Paulo o secretário do Circo Americanas, papéis na pasta, gravata borboleta, trazia a Ruysconcellos empenhada oferta, em vão. Soubesse de Ona Pomona similiar à água e à sêda? Do azul em que as coisas se perdem e perduram? Intercedendo, procurou então Mema, propôs também engajá-la, com o jeito de física. — *Êle não vai!* — ela tresconversou, em rebelia, quisesse com as levantadas mãos tapar quaisquer alheios olhos.

Ruysconcellos dissera sômente a necessária recusa. — *Cuspes de dromedário!* — até nisso: praguejava com gentileza. Deu-lhe o pó de palidez, esverdeando-se por volta dos lábios.

— *Vê?* — o retrato, — a parte que guardara. Era o de Mema... E, então, fôra o de Ona o rasgado, acon-teceu que, êrro, como pudera?! Fez a careta involuntária: a mais densa blasfêmia. Estava sem óculos; não retabalava. Era o homem — o ser ridente e ridículo — sendo o absurdo o espelho em que a imagem da gente se destrói. Disse: — *Só o moribundo é omnipotente* —; a disfarça. Xêno Ruysconcellos, o álcool não lhe tirava o senso de seriedade e urgência. De pé, implorava, falando em aparte.

Tartamudo: — ... *nona ... nepomna ... mema* ... — e rir é sempre uma humildade. Mema desatinada es-crevera-lhe, insultos. Em fúria, não ouviria ela seu primeiro rôgo?

Mema mordida escutou o enviado apêlo, apagada a acentuação do rosto. — *Êle precisa de dinheiro, de ajuda?* — e seu pensamento virava e mexia, feito uma carne que se assa. — *Que venha...* — de repente chorou, fundo,

como se feliz — . . . *para o que quiser*. Ela estava ali com muita verdade, cheirava a natfalina ou alfazema. O vento acaba sempre depois de alguma coisa que não se sabe.

De dia, de fato, tiveram de romper a porta, havido alvoroço. Na cama fazendo imorais os corpos, os dois, à luz fechada naquele quarto. A morte é uma louca? — ou o fim de uma fórmula. Mas todos morrem audazmente — e é então que começa a não-história.

Falso e exagerado quase tudo o que a respeito se propalou; atesta-se porém que êle satisfeito succumbiu, natural, de doença de Deus. Memas após, decerto, por própria vontade. Nem foi êle o encontrado em festa de vestes, melhor dizendo estivesse sem roupa qualquer; tão pouco travestida ou empoadada Memas, à truã, pintada, ultrajada. Infundado, pois, que saídos de arena ou palco na morte se odiassem. Entfim, podiam, achavam, se abraçavam.

